

Haroldo Maranhão

Benedito Nunes
Filósofo e Crítico Literário.
Professor Emérito da Universidade
Federal do Pará - UFPA.

Haroldo Maranhão (1927), jornalista profissional desde criança: cresceu e amadureceu dentro de um jornal, a Folha do Norte, onde morou e trabalhou. Porém o ficcionista, como seu impulsivo e regular visitante, obcecado pelo dever da escrita diária, só surgiria dentro dele por volta de 1977, já aposentado e vivendo no Rio de Janeiro desde 1961. *Nulla dies sine linea*, esta a máxima do humanismo clássico, latino, adotada por quem a cada dia aumenta o número de seus escritos, longe de poder ultimá-los. A obra de Haroldo Maranhão é uma obra que está sempre a completar-se. O que dela se pode dizer, com segurança, como obra completa, é que se trata de um maciço central da melhor ficção brasileira de hoje, compreendendo, até esta data, entre contos e histórias curtas, diários, romances e novelas, sem esquecermos nem o *Dicionário maluco* (infantil, Rocco, 1984) nem o recente *Dicionário de futebol* (1998), vinte tomos de diferentes formatos e tamanhos (há novelas de cento e vinte e cinco páginas e romances de quatrocentas e quarenta e cinco), ao lado de sete outros livros a publicar.

Mas diante de tão avultada produção, na qual a frenética quantidade se ajusta à escrita de melhor qualidade — aquela que, com enorme poder de sugestão e de envolvimento sobre os leitores, diz o máximo para além das palavras —, pode-se perguntar por que Pará, Capital: Belém arrebatou dos demais textos a prioridade de encetar a coleção das obras de Haroldo Maranhão?

O primeiro motivo do privilégio decorre do fato de que esse texto inaugural, escrito em 1984, dois anos depois de *O Tetraneto delrei* (romance), nos dá a imagem de Belém que, direta ou indiretamente, em maior ou em menor grau, salvo nesse último romance citado e no *Memorial do fim — A morte de Machado de Assis* (1991), se condensou como ambiência urbana dominante, também clima moral e político, na obra de nosso escritor, e que se projetaria veementemente em *O rio de raivas* (1987), após ter aparecido cinco anos antes em *Os anões* (1983).

A segunda razão da prioridade decorre da espécie de perspectiva altaneira de Belém que esse mesmo texto de 1984 nos proporciona, repetindo, de certo modo, a visão do alto que o autor tinha da cidade quando morava no prédio da Folha do Norte, e podia divisar toda a baía do Guajará da sacada de sua janela. Com a diferença de que agora a sacada tem a altura do conhecimento histórico. Haroldo Maranhão procede como um historiador à busca de testemunhas ao recorrer a diferentes fontes escritas — geográficas, antropológicas, etnográficas, e históricas propriamente ditas —, que nos prestam informações sobre os vários aspectos da vida da cidade: sua fundação e desenvolvimento, suas diversas atividades, recreativas, clubísticas, gastronômicas, dramáticas, romanescas, literárias, jornalísticas e artísticas, em que costumes casam-se com os mores, os hábitos com a moral, a religião com a política, a política com a linguagem.

Haroldo redistribuiu os diferentes textos por ele escolhidos no papel de historiador, segundo uma ordem de novos títulos, que ora contrastam com a matéria versada, produzindo o abalo do humor, ora a valorizam, realçando-lhe os efeitos memorialísticos. Mas ao proceder assim, o historiador acolhe o romancista e a ele se une por uma original relação.

A terceira e decisiva razão da escolha ora discutida foi certamente essa original relação pela qual é o romancista que prevalece sobre o historiador. Porque do cruzamento dos textos que constituem a antologia, cada um dos quais é uma maneira de ver, sentir Belém, não resulta apenas a cidade como o contexto histórico dessas fontes. As fontes são, por sua vez, fragmentos de uma memória comum, coletiva, de todos e de ninguém em particular. De qualquer forma pessoalizada, Belém vira personagem, agindo num certo meio, fadada a proceder de certa maneira. É uma *persona* dramática — um modo de falar, de gesticular, de andar, de comer, deitar, de dormir e sonhar. Já então a cidade se apresenta, ela mesma, como um conjunto legível — um texto para nossa leitura reflexiva, silenciosa ou em voz baixa.

Mas o que finalmente nos ensina esse texto de Haroldo Maranhão, sintetizando, ao mesmo tempo, as razões da prioridade de sua escolha, é que uma cidade só pode ser lida como antologia por meio das diferentes escritas, das linguagens de seus escritores, que lhe deram no tempo uma forma de sentido intemporal.

Prefácio ao livro *Pará, Capital: Belém — Memórias & Pessoas & Coisas & Loisas da Cidade*.
Belém revisitada



Diversos títulos ocorreram-me para esta seleção de textos sobre Belém do Pará. Um deles seria: *Viagem de Amor a Um País Chamado Belém*. A cidade, nem cidade mais é porque carrega dimensões ambiciosas. Depois, além de alambicado, seria título megalomaníaco. Da distância no tempo e no espaço em que me encontro, quis na verdade fazer simples releitura da minha cidade, revisitando-a.

Até hoje, ignoro de antologista que satisfizesse unânimes pareceres. Manuel Bandeira, autor de seis antologias, revelou o quanto é complicado organizá-las, bem ao contrário do que possa imaginar-se. Ele mesmo ficou insatisfeito sempre, por todas recebeu censuras e sem desejar magoou amigos. Relembrou definição, de alguém cujo nome me escapa e segundo o qual o antologista é o pobre diabo que começa o trabalho com o pressentimento de que, faça o que fizer, vai a muitos desagradar, e ninguém, ele muito menos, ficará satisfeito.

Por que não entrou fulano? Beltrano, por que não entrou? Há escritores que admiro, em cujos trabalhos, pelo menos os que estiveram ao meu alcance, nada encontrei que servisse ao que me propusera. Historiador não sou, temo o fungo dos papéis antigos, de modo que por essa forma explico não me haver preocupado com mais precisas abonações. Um reparo não me poderão fazer: o antologista a si mesmo não se antologiou!

Não me agrada a desfiguração da cidade, estúpidas invenções de acéfalos. Por exemplo, a remoção das calçadas de lioz, permutadas por ladrilhos de duvidoso gosto. Tricentenárias ruas ganharam denominações nova e geralmente para pior. Em especial me tem preocupado a Travessa da Estrela, hoje não sei por que cargas d'água Travessa Mariz e Barros, que aliás não pegou. Há muitos anos, encontrei-me no Rio de Janeiro com o prefeito Stélio Maroja, a quem de chofre anunciei ter dois pedidos a lhe fazer. Eu o estou vendo momentaneamente estremecer, engolindo imaginária pílula, supondo que pleitearia emprego ou proveito outro de ordem pessoal, que é o que pedem a prefeito. "Olha, Stélio, são dois pedidos. Primeiro, não deixes que troquem o nome da Travessa da Estrela. Segundo, não deixes que asfalte a Travessa da Estrela, deixa de barro mesmo deixa os buracos, deixa a lama, as poças d'água, não precisa calçada e meio-fio. Inclusive para mostrar-se — de longe — aos turistas: "Gente, a Belém de antigamente era assim, amostra do Brasil-colônia". Agora que estropiaram a rua com vagabunda tintura asfáltica, confesso que ao lado do tombamento da ex-sossegada travessa, desejava dificuldade de acesso à casa do meu amigo Benedito Nunes, ou seja, paz e silêncio para que trabalhasse à confortável distância dos chatos, que são multidão.

Esta antologia não pretende ser didática nem paradidática. Textos eruditos convivem com textos singelos e simplórios até, e na aparência desimportantes, mas tanto não achei que fui desencavá-los. A mera escalção de um time de futebol, um pregão de rua, uma sorte junina poderão estimular agradabilíssimas lembranças nalgum leitor. Isso acontecendo, a trabalhadora terá valido a pena.

Esquecia de desculpar-me com autores que poderiam figurar, deveriam mesmo figurar e não figuram. Paciência. Ficará para outra vez, se outra vez houver. Vivo muito aceleradamente, a muito mais de mil. Foi acabada esta antologia, há um ano interrompida, em vertiginoso ritmo. E forcei a mão, alcançando a marca de quatrocentas e cinquenta páginas datilografadas, obrigando-me à dor no coração de podar cento e cinquenta, de forma a observar bitola razoável. Não é este o gênero de ocupação que aprecio, mas precisava acudir a um chamamento forte vindo nem suspeito de onde.

Se a ciência estagnar, devo ter escassa sobrevida. E quero gastar meus anos ou meses ou dias de vida em construir minhas mentiras de escritor de ficção, bem ou mal, mas construí-las. Agora, se um russo, ou um americano, ou um paraense descobrir como espichar a vida humana, para mais uns oitenta anos, então me lançarei a outro projeto paraense, que sempre ambicionei terminar e que há anos se acha parado. Terminá-lo, só mediante a certeza de que irei aos cento e setenta anos, de boas pernas e ótima cabeça. Pifando o fígado, poder-se entrar numa farmácia e pedir: "Me embrulha aí um fígado. Dos bons." Cansaram os olhos? Trocar os olhos. O pâncreas enguiçou? Outro pâncreas. Não sei se as outras pessoas serão felizes. Eu serei. "Olha, companheiro, me arranja aí quatro metros de intestino, do grosso". Assim e só assim poderia dedicar-me a projetos de outra espécie, como o que aludi e que não digo qual é, porque idéia é como passarinho, já disseram, é do primeiro que pegar.

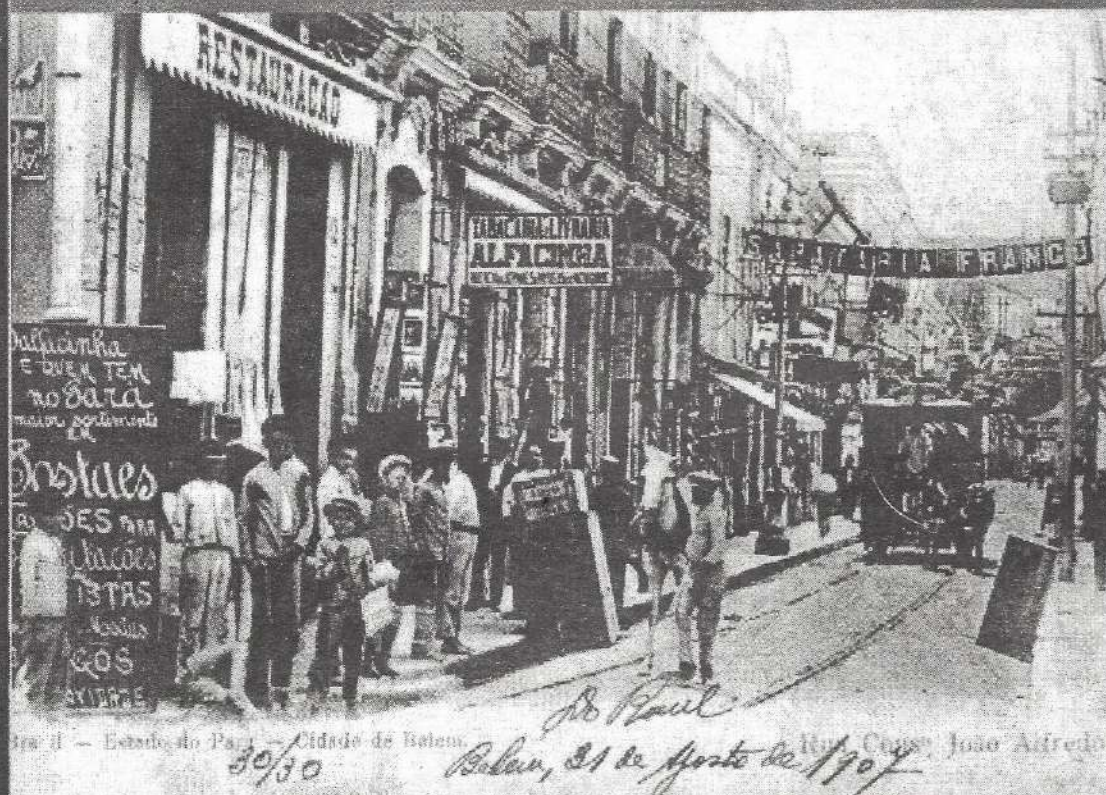
Os títulos dos textos são meus, isso precisa ficar claro.

Calmo receberei as não improváveis censuras. Difícilmente darei troco, sem que signifique despreço aos censores. É que já estarei a milhas marítimas deste livro.

Enfim, é a minha antologia de Belém Minha. Reivindico o direito de fazer a minha antologia. Terei o maior respeito pelos que se dispuserem a fazer a sua.

Rio de Janeiro, junho de 1984.
Haroldo Maranhão

HAROLDO MARANHÃO



PARÁ, CAPITAL: BELÉM

MEMÓRIA & PESSOAS & COISAS & LOISAS DA CIDADE